

**Produção Industrial Brasil: estabilidade no ritmo de taxas positivas em 2018**

Após recuo, em janeiro de 2018 (-2,2%), o nível de produção da indústria nacional mostrou estabilidade, tanto em fevereiro (+0,1%), quanto em março (-0,1%), frente ao mês anterior. Comparado às demais bases, foi mantido o crescimento que se vinha observando nos meses mais recentes: ante março de 2017 (+1,3%), décima primeira taxa positiva consecutiva nesse tipo de confronto, no primeiro trimestre do ano (+3,1%) e no acumulado dos últimos 12 meses (+2,9%). Dados da Pesquisa Industrial Mensal: Produção Física-Brasil (PIM-PF/BR) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A taxa acumulada de 12 meses, frente a igual período anterior (taxa anualizada), tem mantido o ritmo de crescimento em 2018: +2,8% em janeiro, +2,9% em fevereiro e +2,9%, em março, quando assinalou sua sétima elevação consecutiva (Gráfico 1), após 39 meses seguidos de taxas negativas. Observa-se que estes recentes avanços na produção industrial desempenham um papel de recuperação das perdas, tendo em vista a deprimida base de comparação. Por exemplo, a taxa anualizada de março de 2017 foi de -3,5%, que se seguiu aos recuos acumulados para março de 2016 (-9,6%) e de 2015 (-4,5%). Por outro ângulo, o nível de produção referente ao mês de março de 2018, aquém do potencial nacional, ficou 15,3% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011.

Entre as grandes categorias econômicas (Gráfico 2), a observação da evolução da taxa anualizada, durante o período de março de 2017 a março de 2018, aponta para uma sequência de melhoria nos resultados, embora esta tenha se mostrado, em geral, mais estável durante os três primeiros meses de 2018. No caso do setor de bens de capital (6,8%, 7,2% e 7,4%, respectivamente), o aumento de 7,4%, em março, foi capaz de mais do que recuperar, pelo menos, a queda do período anterior (-1,5%), relativa à taxa anualizada de março de 2017 (Gráfico 2). Porém, este cobre apenas parcialmente a perda acumulada de -38,6%, referente às taxas anualizadas de março dos anos de 2015, 2016 e 2017. Este também foi o caso para o setor de bens de consumo duráveis (14,5%, 14,0% e 14,6%, respectivamente), cuja elevação de +14,6%, na taxa anualizada de março de 2018, mais que compensou o percentual de -5,2% do ano que fechou em março de 2017, contudo, esta categoria acumula perda de -35,5% dos períodos encerrados em março, dos anos de 2015 a 2017.

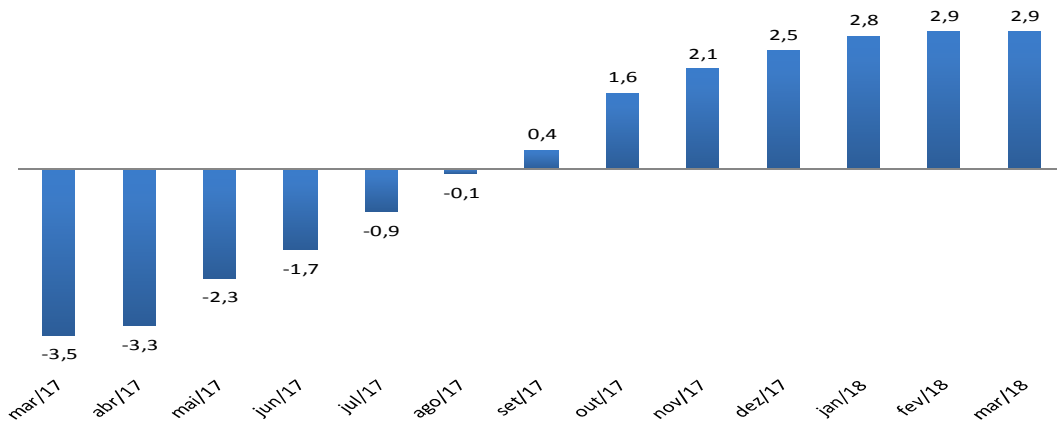
O setor de bens intermediários (1,9%, 2,1% e 2,0%, nas taxas anualizadas de janeiro a março de 2018, respectivamente) que registra resultados positivos desde outubro de 2017 (+0,8%), mostra desempenho mais modesto. O citado aumento de 2,0%, de março de 2018, não foi capaz de cobrir a queda do período anterior, de -4,1%, no acumulado que fechou o ano em março de 2017. Os segmentos de bens de consumo semi e não duráveis se mostraram mais resistentes ou com maior estabilidade, pelo menos desde novembro de 2017 (0,9%), quando abandonaram as taxas negativas. O percentual anualizado até março de 2018 (0,9%) também não foi suficiente para recuperar a perda de -2,0%, referente ao acumulado até março de 2017, conforme se observa no Gráfico 2.

Dentre as diversas atividades industriais, 17 dos 26 ramos pesquisados apresentaram resultados positivos no acumulado de 12 meses até março de 2018. Os maiores impactos sobre a média nacional vieram da produção de veículos automotores, reboques e carrocerias (+19,2%); equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (+21,0%); indústrias extrativas (+3,1%); metalurgia (+5,9%); produtos alimentícios (+1,9%); máquinas e equipamentos (+3,6%); produtos de borracha e material plástico (+4,7%) e celulose, papel e produtos de papel (+4,9%).

Assinalaram os principais resultados negativos: coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-3,2%); outros equipamentos de transporte (-9,2%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-3,2%); produtos farmoquímicos e farmacêuticos (-3,6%); impressão e reprodução de gravações (-7,8%) e produtos de minerais não-metálicos (-2,2%).

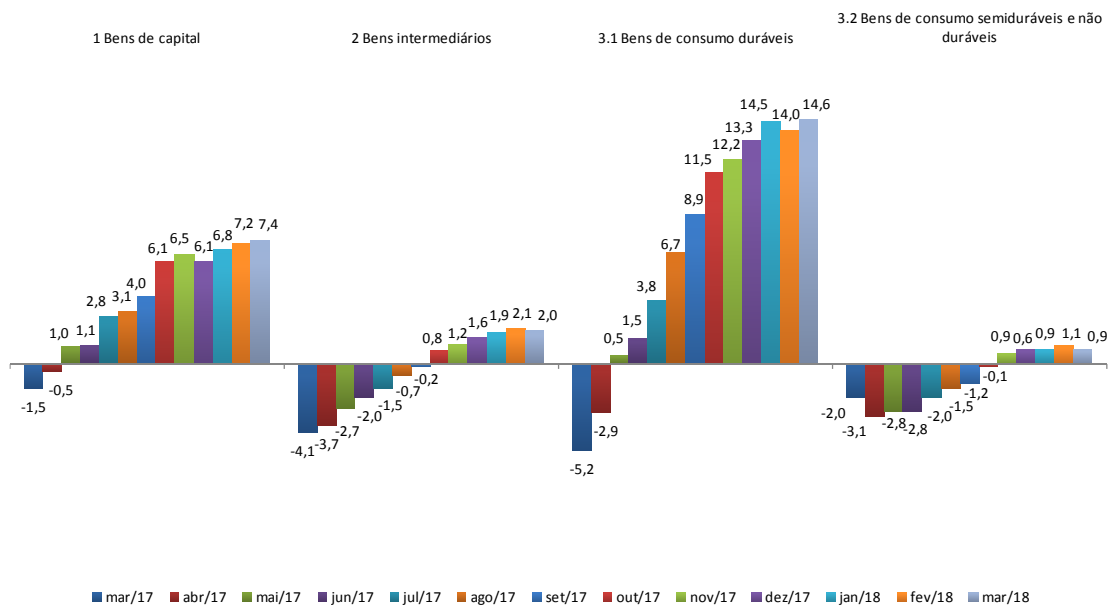
Autora: *Liliane Cordeiro Barroso*, Economista, Coordenadora de Estudos e Pesquisas, Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, Banco do Nordeste/ETENE.

Gráfico 1 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) - Brasil - mar/2017 a mar /2018 - Acumulado dos últimos 12 meses (Base: igual período anterior)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE

Gráfico 2 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial por grandes categorias econômicas (%) - Brasil - mar/2017 a mar/2018 - Acumulado dos últimos 12 meses (Base: igual período anterior)



Fonte: Elaborado pelo BNB / ETENE, com dados do IBGE.

**ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE** | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Airton Saboya Valente Junior. Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire e Liliâne Cordeiro Barroso. Projeto Gráfico: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiário: Rodrigo Fernandes Ribeiro. Jovem Aprendiz: Yago Carvalho Lima.

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.